

UM DIÁLOGO COM O CONCEITO DE PERFORMATIVIDADE NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS DE FLÁVIO DE CARVALHO

Gleison Amorim da Silvaⁱ
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Associado/a/e ANPAP: **não**

José Albio Moreira de Salesⁱⁱ
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Associado/a/e ANPAP: **sim**

RESUMO

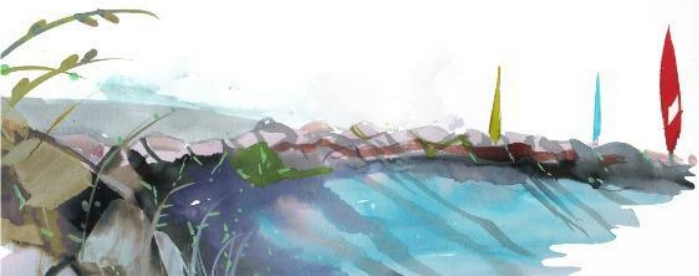
O presente texto revisita criticamente as práticas artísticas de Flávio de Carvalho (1899-1973) estabelecendo um diálogo com o conceito de performatividade. Por meio de uma pesquisa documental e bibliográfica, são examinadas, em especial, as Experiências nº 2 e nº 3 do artista, ações que, ao tensionarem normas sociais e de gênero, se configuram como dispositivos estético-políticos. A análise baseia-se em teses e dissertações recentes (2015-2024), problematizando a dimensão performática como ato estético-político. Os resultados apontam para o corpo como campo de resistência e invenção, articulando as performances de Flávio de Carvalho à reflexão contemporânea sobre performatividade, identidade e espaço público. Conclui-se que as ações performáticas do artista permanecem atuais, contribuindo para o debate sobre o papel do corpo e da performance na arte e na docência universitária.

PALAVRAS-CHAVE

Performatividade. Práticas artísticas. Flávio de Carvalho.

1. Introdução

A trajetória e obra do artista Flávio de Carvalhoⁱⁱⁱ (1899-1973) ocupam um lugar singular na história da arte brasileira, destacando-se por sua radicalidade experimental e pela contestação sistemática às normas estéticas, sociais e comportamentais de sua época. Artista de perfil marcadamente multidisciplinar, sua atuação abrangeu campos diversos como a Performance, as Artes Visuais, as Artes Cênicas, a Arquitetura, a Engenharia, o Design, o Cinema, a Moda e as Artes gráficas, que consolidou uma linguagem própria, atravessada por dimensões poéticas, políticas e antropológicas inaugurando uma abordagem performática nas práticas artísticas brasileiras (Aguilar; Cámara, 2017). Nesse sentido, este estudo ancora-se em uma revisão de teses e dissertações disponibilizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre 2015 e 2024, com destaque para os estudos de Arruda (2016); Azevedo (2017); Rezende Neto (2017); Ribeiro (2024).



Nosso objetivo é realizar uma revisão crítica acerca das práticas artísticas de Flávio de Carvalho, destacando especialmente duas experiências performáticas^{iv}: a Experiência nº 2 (1931)^v; e a Experiência nº 3 (1956), esta última amplamente reconhecida como "*New Look*"^{vi} (Imagem 01). A partir dessas ações performáticas do artista, propomos uma interlocução ética, estética e política, construída em diálogo com um grupo de pesquisadores(as) vinculados(as) a um programa de pós-graduação em Arte e Educação de uma Universidade pública do estado do Ceará^{vii}, orientando desdobramentos críticos sobre o corpo, a performatividade e o ensino de arte no contexto universitário.

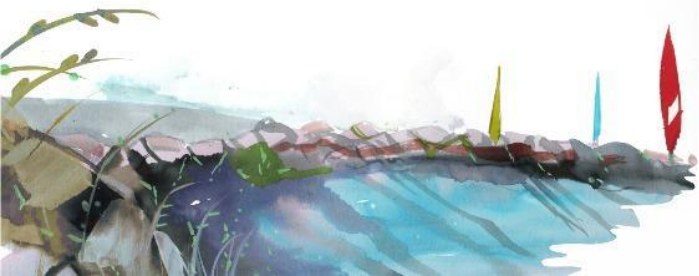


Imagem 1. Experiência nº 3, 1956. Digital, 8cm X 10cm: Fonte. Acervo Flávio de Carvalho.

Articulamos assim as práticas performáticas desenvolvidas por Carvalho às teorias da performatividade de Austin (1990) e Butler (2019), na qual buscamos compreender como essas ações, marcadas por radicalidade estética e subversão de normas, mobilizam a Performance como uma linguagem e epistemologia, configurando a docência universitária em arte como um espaço para resistência e criação estético-política.

2. A vertente Performática de Flávio de Carvalho^{viii}

Era dia de Corpus Christi; um sol agradável banhava a cidade, havia um ar festivo por toda parte; mulheres, homens e crianças moviam cores berrantes de tecido ordinário. [...] Olhei para a catedral e vi no topo da escadaria homens beatos que arranjavam com cuidado sexual ramos de folhas, flores, panos dourados e coisas em torno de um altar. [...]. (Carvalho, 2001, p. 15).



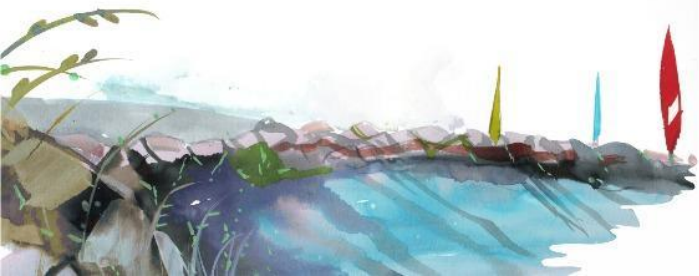
No decorrer da década de 1930, as ações performáticas exercidas por Carvalho era, “mais ampla que a promovida pelos demais artistas e intelectuais brasileiros.” (Azevedo, 2017, p. 20). Sua Experiência nº2 de 1931, exemplifica esse processo que se consistiu em atravessar, caminhando deliberadamente uma procissão de *Corpus Christi* no centro de São Paulo, em sentido contrário, mantendo o chapéu na cabeça. Assim, o artista questiona intolerâncias que persistem como reflexos coloniais, afirmando seu “caráter performático desde a década de 1930, em contato com o surrealismo e a antropofagia, quando passa a questionar seu entorno a partir de condutas performadas.” (Ribeiro, 2024, p. 49). A ação tensionou normas de gênero e provocou debate público sobre os limites do corpo e da representação da masculinidade na sociedade urbana brasileira da época (Rosário, 2022). No entanto, para além do impacto simbólico ligado à performance de gênero, a proposta de Flávio de Carvalho envolvia uma crítica direta às convenções coloniais impostas à indumentária masculina no Brasil.

De forma igualmente contundente, a Experiência nº 3, realizada em 1956, consistiu em desfilar pelo centro de São Paulo vestindo saia plissada e blusa transparente, um conjunto pensado como alternativa funcional ao traje masculino tradicional. Para Arruda (2016, p. 46), Carvalho ao rejeitar o terno e a gravata, assinala uma crítica à forma como os corpos são moldados por convenções culturais importadas da Europa e inadequados ao clima tropical e social do Brasil. Em sua proposta estética o artista projetou um traje que incorporava elementos funcionais adaptados ao calor tropical, como válvulas de ventilação sob os braços e tecidos leves: “uma saia em pregas com comprimento acima dos joelhos, blusão com mangas bufantes e gola substituindo o colarinho, sandálias de couro cru, chapéu e meia-calça arrastão”. De acordo com Arruda (2016, p. 46), a princípio, o artista pretendia realizar um cortejo composto por homens trajando essas vestimentas. Entretanto, “os amigos que haviam se comprometido não apareceram no dia 18 de outubro, a data combinada”. Apesar desse imprevisto, o artista percorreu “algumas ruas centrais de São Paulo, com o seu traje para o homem dos trópicos”, interagindo com diversos espaços urbanos.

A minha intenção de projetar um traje adequado ao trópico era uma necessidade de modificação da indumentária, mas também era um prognóstico, de acontecimentos que estão se iniciando hoje. Esses acontecimentos são muito importantes porque demonstram a existência de um nivelamento entre o homem e a mulher pela indumentária e que nós vamos possivelmente presenciar em tempos futuros (Carvalho, 2010, p. 296).

Nesse contexto, as práticas desenvolvidas por Flávio de Carvalho não se configuram apenas como precursoras de uma arte política de seu tempo, mas também como experiências radicais que antecipam debates sobre gênero, identidade, espaço público e decolonialidade na arte brasileira, que seriam retomados, décadas mais tarde, por artistas como Hélio Oiticica e Lygia Clark (Rezende, 2016).

Nas performances analisadas, o corpo se torna lugar de enunciação política e estética, um campo de enfrentamento para a construção de subjetividades dissidentes e para a reinvenção de sentidos segundo a qual “dizer algo é fazer algo” (Austin, 1990, p.



94). Ou seja, os enunciados não se limitam a descrever o mundo, mas possuem a capacidade de produzi-lo. Destarte, ao tensionar os limites do corpo no espaço público, suas ações exemplificam o que Austin (1990) identifica como o “ato performativo”, um fazer que produz efeitos no real, e o que Butler (2019) interpreta como reinscrição de normas por meio da repetição subversiva. Assim como na linguagem, nas práticas performáticas compreende-se que os atos (sejam linguísticos ou corporais) não são fixos, mas constantemente reperformados, atualizados e reinscritos nas interações sociais e culturais indica que a performatividade não é um ato isolado, mas “um processo reiterativo e citacional que produz os efeitos que nomeia” (Butler, 2019, p. 19).

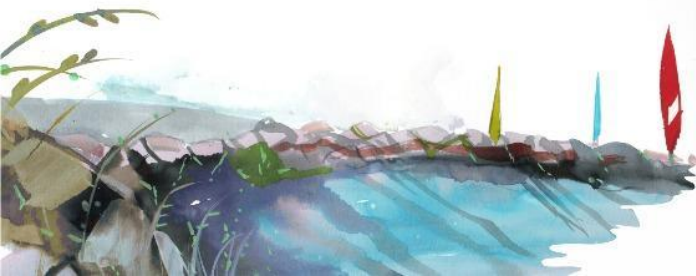
3. Habitar o Corpo como Ato Político em Performance

Ao longo deste percurso, compreendemos que a vertente performativa em Flávio de Carvalho em seu gesto de caminhar deliberadamente contra uma procissão religiosa, por exemplo, rompeu com o rito da reprodutibilidade masculina, marcados pelo risco, pela exposição e pelo deslocamento, configuram-se como dispositivos críticos que nos permitiram repensar a docência como prática performativa implicada em uma atuação estético-política. Aos docentes não cabe o papel de mediadores neutros, mas de sujeitos críticos que, como Carvalho, assumem a performance/performatividade como forma de transgressão dos papéis e normas sociais atribuídas à docência. Assim, as performances do artista permitem vislumbrar a docência como prática performativa, em que o corpo do(a) docente, sua presença e seus gestos produzem efeitos que vão além da transmissão de conteúdo. Por exemplo, propor práticas de ensino que envolvam, o risco criativo e a experimentação estética com os próprios corpos em performance pode constituir não apenas uma metodologia artística, mas uma crítica artística aos consensos pedagógicos.

Desse modo, a performatividade oriunda das práticas artísticas de Flávio de Carvalho, aqui analisadas, ainda influencia práticas docentes contemporâneas por sua capacidade de interpelar a ordem estabelecida e tensionar as relações entre corpo, identidade, cultura e poder. Compreender a docência nesse registro implica deslocar o ensino da lógica da reprodução e da autoridade para uma ética da presença, da escuta e da criação. Não se trata de recorrer à performatividade como estratégia didática ocasional, mas de reconhecer que o ato pedagógico é, em si, uma prática reiterativa de inscrição performativa estética e política.

Ensinar, portanto, é também performar discursos e produzir, com o corpo, fraturas nos modos hegemônicos de produzir e validar conhecimento. Assim, a Performance se afirma como linguagem e epistemologia, em que torna-se possível compreender a docência como prática performativa, na qual o corpo do(a) docente, sua fala, sua escuta e sua presença materializam enunciados que produzem efeitos de transgressão diante as diferentes performatividades estético-políticas.

Concluimos que os atos performáticos de Flávio de Carvalho, ao desafiar normas coloniais, corporais e disciplinares, desvelam fundamentos epistemológicos e políticos para reconfigurar a atuação docente como prática estética de insurgência. Assim,



suas ações, quando reinscritas no contexto da docência universitária em arte, convocam pedagogias comprometidas com o risco como potência formativa e a criação coletiva como gesto político de atuação performática crítica.

Referências

AGUILAR, Gonzalo Moises; CÂMARA, Mario Cesar. A máquina performática: a literatura no campo experimental. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ARRUDA, Luisa Mendes. Flávio de Carvalho: uma filogenética vestimentar. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/8511>. Acesso em: 7 jun. 2025.

AUSTIN, John Langshaw. Quando dizer é fazer: palavras e ações. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AZEVEDO, Daniel Alves. Flávio de Carvalho e a formação de um itinerário artístico em São Paulo: experiências de vanguarda no modernismo paulistano (1930-1939). Assis: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151176>. Acesso em: 7 jun. 2025.

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia. Tradução de André Lepecki. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARVALHO, Flávio de. A Moda e o Novo Homem: dialética da moda. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

CARVALHO, Flávio de. Experiência n. 2: realizada sobre uma procissão de Corpus-Christi. Uma possível teoria e uma experiência. 2. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

REZENDE NETO, Renato de Azevedo. Linhas de força do contemporâneo: arte brasileira. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

REZENDE, Renato. Flávio de Carvalho – ações corpóreas e ambientais e ativadoras de sujeitos (ou esboços de um Brasil moderno ao contemporâneo). Rev. Diálogos Mercosur, Buenos Aires, n. 1, p. 26-40, jan.-jun. 2016. Disponível em: <http://revistadialogosenmercosur.org/numero-1-af1o-2016/4-oficial-articulo-2016-dr.-renato-rezende-dialogos---2016.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2025.

RIBEIRO, Ana Carolina. Experiência(s) na contramão da colonialidade: as performances de Flávio de Carvalho em diálogo com escritas insurgentes. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2024. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/1ff1e73e-e246-4161-b456-2baa85d3d031>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ROSÁRIO, Julia. Experiências de Flávio de Carvalho. Revista Rosa, São Paulo, n. 6, 2022. Disponível em: <https://revistarosa.com/6/experiencias-de-flavio-de-carvalho>. Acesso em: 27 maio 2025..

Notas

ⁱ Artista/Professor/Pesquisador com ênfase em "Interface da Cena: Políticas, Performance, Cultura e Espaço". Doutorando em Educação (PPGE/UECE). Atua como Professor no Departamento de Educação (URCA). Mestre em Artes Cênicas (PPGARc-UFRN/2018); Possui graduação em Teatro (URCA/2015). Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Investigação Arte, Ensino e História (IARTEH/PPGE/UECE). E Laboratório de estudos e pesquisa em Formação Docente (LEPEF/URCA). <https://orcid.org/0009-0003-5015-6492>

ⁱⁱ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFC), licenciatura em Arte e Educação pelo Centro Universitário UniGrande Fortaleza, mestrado em Desenvolvimento Urbano pela (UFPE) e doutorado em História pela (UFPE). Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade do Porto em Portugal, com pesquisa sobre a formação do professor de História da Arte. Atua nas áreas de Educação, Artes e Arquitetura com experiência nas seguintes temáticas: ensino de arte; história da arte; história da arquitetura; arte e patrimônio; vídeo e arte digital. <https://orcid.org/0000-0002-2521-6364>

ⁱⁱⁱ Flávio de Carvalho (1899-1973), artista multidisciplinar brasileiro, pioneiro na introdução da arte performática e experimental no Brasil. Destacou-se por sua postura provocativa e inovadora, influenciado pelas vanguardas europeias, especialmente pelo Surrealismo e Expressionismo (Rosário, 2022).

^{iv} Além das performances que estudamos, identificamos nos arquivos analisados menção a outras produções de Flávio de Carvalho, como *Bailado do Deus Morto*, *A Cidade do Homem Nu*, além de seus projetos de arquitetura, manifestos artísticos, pinturas, desenhos e sua atuação no Clube dos Artistas Modernos.

^v Experiência nº 2, consistiu em atravessar uma procissão religiosa em sentido contrário para analisar reações coletivas e limites entre ordens religiosa e civil (Rosário, 2022).

^{vi} Experiência nº 3, conhecida como "*New Look*", na qual Carvalho desfilou com roupas que questionavam padrões normativos de gênero da época, realizadas respectivamente em 1931 e 1956 (Rosário, 2022).

^{vii} Nessa ocasião, abordamos a temática da performatividade docente, explorando sua relevância no contexto educacional, especialmente nos cursos de arte por meio de uma conversa sobre a presença da Performance na arte e na educação. A conversa incluiu críticas ao discurso neoliberal na educação, enfatizando a importância de uma docência que, além de questionar as desigualdades, fomente a conscientização dos estudantes sobre suas potências performáticas. Durante o encontro, foi discutido como a Performance pode se manifestar na prática docente, performando a sala de aula como um espetáculo em que o professor atua como performer e os alunos como plateia, sem, no entanto, reduzir a complexidade das dinâmicas de ensino-aprendizagem a essa metáfora. Ao final, o grupo refletiu sobre a capacidade da arte e da performance como linguagens de transformação social no contexto da formação docente orientados por uma educação estética e politicamente engajada.

^{viii} A vertente performática de Flávio de Carvalho, portanto, caracteriza-se por seu radicalismo experimental, pela provocação consciente e pela centralidade do corpo como instrumento estético, político e social. Suas performances atuam como dispositivos que questionam convenções, desestabilizam normas e tornam-se práticas de resistência, reflexão e crítica sobre as relações entre corpo, identidade e espaço social.